

## O CONHECIMENTO PERSPECTIVISTA EM MAURICE MERLEAU-PONTY

Antunes Ferreira da Silva

E-mail: antunnes\_ferreira@hotmail.com

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras - FAFIC; Coordenador do Núcleo de Extensão e Pesquisa Acadêmica – NEPA da FAFIC.

### RESUMO

O presente artigo constitui-se e uma pesquisa teórica bibliográfica. O seu principal objetivo é discutir o caráter perspectivista do conhecimento segundo Maurice Merleau-Ponty. O procedimento básico adotado na elaboração do estudo foi a análise de alguns textos originais do filósofo, dentre eles *A Estrutura do Comportamento* e a *Fenomenologia da Percepção*, bem como alguns comentadores. Originalmente formulado por Leibniz em sua *Monadologia* e reafirmado por Kant e Nietszche, o perspectivismo é a visão filosófica de que todo conhecimento tem sua origem na percepção alterável e subjetiva de algo que, não obstante as variações de perspectivas, existe em apenas uma realidade. Trata-se, pois, da percepção da mesma realidade sob óticas diferentes. Desta forma, o filósofo destina-se a distanciar da tese de que o conhecimento é adquirido, mas sim em defender que o conhecimento é construído pela percepção que o sujeito tem do objeto, sujeito aqui identificado pelo filósofo como sendo o nosso corpo, principal responsável pela percepção e mediação de toda experiência possível. Deste modo, o perspectivismo não tem a pretensão de alcançar toda a verdade, mas somente o lado aparente, a superfície do mundo. E é essa a principal descoberta que este estudo pretende chegar.

Palavras-chave: Conhecimento. Perspectivismo. Corpo.

## INTRODUÇÃO

O perspectivismo, enquanto tese epistemológica, não é criação do filósofo Merleau-Ponty, mas de Leibniz em sua *Monadologia*, e, originalmente, é a visão filosófica de que toda percepção e pensamento tem lugar a partir da perspectiva alterável de algo. Segundo esta corrente, a percepção da realidade se dá de forma diferenciada entre os indivíduos, mas não há realidades distintas para cada forma de perceber. Ou seja, o que difere são apenas as percepções que se têm de determinado objeto e não o objeto apreendido.

Podemos remontar esta tese aos conceitos kantianos de *númeno* e *fenômeno*. O *númeno* é a essência do objeto, aquilo que ele possui de essencialmente característico, segundo Kant, não apreendido pelo sujeito cognoscível, enquanto o *fenômeno* é a forma pela qual o sujeito percebe a essência.

Além de Merleau-Ponty, outro filósofo que se destaca na definição do perspectivismo é Nietzsche. Segundo ele, conforme afirma na *Gaia Ciência*, o perspectivismo não comporta concluir corretamente diferentes verdades, mas reconhecer que o conhecimento teórico se reduz a interpretações, a probabilidades de se alojar na verdade. Nietzsche define perspectivismo como a filosofia que reconhece que o mundo, a realidade, oferece múltiplas interpretações ou perspectivas, todas diferentes de indivíduo para indivíduo, sendo impossível atingir uma verdade objetiva, consensual, dado que a *psique* de cada um interpreta, subjetiviza o real e não consegue compreender todas as outras perspectivas.

## DESENVOLVIMENTO

Merleau-Ponty aborda este problema nos livros *A Estrutura do Comportamento e Fenomenologia da Percepção*, como se segue:

Sei, sem dúvida, que minha experiência presente desta escrivinha não é completa e que ela só me mostra alguns de seus aspectos: que se trate de cor, da forma ou grandeza, sei perfeitamente que elas variariam com outra iluminação, de outro ponto de vista, em outro local, e que a “escrivinha” não se reduz às determinações que a revestem atualmente (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 288).

Nestas obras encontramos o claro objetivo do filósofo em afastar a tese que o conhecimento é adquirido, mas em afirmar que o homem intui, apreende e constrói o conhecimento a partir da percepção.

Ao abordar este problema, Merleau-Ponty está posto diante de duas tradições de pensamento que ele considera reducionistas e insuficientes para entender o mundo: o idealismo filosófico que afirma que o conhecimento do mundo se dá através das representações que dele são feitas (a realidade depende da subjetividade) e o empirismo científico que postula a independência do mundo das diferentes significações que lhe são dadas (a realidade independe da subjetividade: ao sujeito resta sentir o mundo conforme ele é dado previamente).

Diante deste impasse entre o subjetivismo e o objetivismo, Merleau-Ponty elege a percepção como relação primordial com o mundo, ou seja, a percepção não é somente algo verdadeiro, mas o acesso à verdade. Com isto, ele estabelece um duplo caminho no alcance da verdade: há algo que antecede tanto a pura sensação do mundo quanto a elaboração consciente do mundo. Desta forma,

[...] O conhecimento por “perfis” não é tratado como a degradação de um conhecimento verdadeiro que apreenderia de um único relance a totalidade dos aspectos possíveis do objeto. A perspectiva não me aparece como uma deformação subjetiva das coisas, mas ao contrário como uma de suas propriedades, talvez sua propriedade essencial (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 288).

O ato perceptivo não surge de um encontro referendado num distanciamento neutro ou num sobrevoo da realidade, mas no contato do sujeito com o objeto, numa relação de encontro entre ambos, na observação do mundo pelo sujeito a partir de um ponto específico, de apreensões perspectivas. “A percepção não pode mais ser uma tomada de posse das coisas que ela encontra em seu lugar próprio; deve ser um acontecimento interior ao corpo e que resulte da ação dessas coisas sobre ele” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 294).

Aqui se torna importante no entendimento geral da obra do filósofo a ideia de corpo. Este não é entendido como totalmente objetivo, pois é parte de mim, nem como totalmente consciência, pois está no mundo, como afirma

Merleau-Ponty: “Há uma relação de meu corpo consigo mesmo que o transforma no *vinculum* do eu com as coisas”. A percepção é uma relação direta corpo-mundo.

Em outras palavras, é no corpo que reside a percepção, é nele que se encontram os poderes perceptivos do ser humano, é através dele que se pode sentir os objetos, enfim, é por meio dele que se pode dar início ao processo do conhecimento. “O corpo é todo ele mundo. Na medida em que todos os meus poderes perceptivos estão no corpo, o mundo está em relação com meu corpo” (GUILHERME ORLANDINI HEURICH, 2007, p. 10).

O corpo não é uma massa material inerte, baseado no esquema estímulo-resposta, mas é aqui entendido como mediador do mundo, o meio por excelência de acesso ao mundo, um sistema aberto sobre o mundo e mediador de toda experiência possível. Ou seja, toda ação perceptiva se realiza a partir do corpo.

Meu corpo é a textura comum de todos os objetos e é, pelo menos em relação ao mundo percebido, o instrumento geral de minha ‘compreensão’. É ele que dá um sentido não apenas ao objeto natural, mas ainda a objetos culturais... (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 315).

Neste processo é importante salientar a importância da alteridade na produção do conhecimento, já que perspectiva nenhuma dá conta de tudo. É no mundo compartilhado mutuamente (e por vezes ambíguo) que reside a possibilidade de compreensão de um mundo fenomenológico que emerge das diferentes perspectivas, minhas e dos outros.

Meu ser corporal não constitui um mundo particular, que independe dos demais seres corporais. Podemos perceber um mundo comum, como um pano de fundo no qual as percepções se destacam de formas diferentes para cada ser capaz de percebê-lo, ou seja, tudo o que é percebido, é percebido como uma figura sobre um fundo, como quadros, percepções pontuais na paisagem de uma praia. Neste mundo comum, me relaciono, me comunico, e, desta forma, a noção de subjetividade está implicada também na noção de intersubjetividade. Como afirma Antonio Balbino Marçal Lima:

Dessa maneira, a noção de subjetividade passa a entender-se de modo intersubjetivo. Não se pode desconsiderar os demais, o que

eles pensam, sentem, percebem, pois o mundo cultural, as “formas” dos outros gravitam sobre minha consciência (2007, p. 95).

A alteridade, essa relação de horizontes que fornece não apenas a minha visão efetiva, mas a visão do outro, dá ao mundo seu aspecto perspectivo, como vemos a seguir:

Apreendo no e pelo aspecto perspectivo uma coisa constante que ele mediatiza. O objeto fenomênico não está como que estendido num plano, ele comporta duas camadas: a camada dos aspectos perspectivos e a da coisa que estes apresentam. Essa referência ideal e esse modo de organização ambíguo podem ser descritos ou entendidos, mas não explicados (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 301).

A percepção das coisas nunca acontece de forma plena, mas gradativamente, através de uma série ininterrupta de perspectivas. E por nunca ser percebida por completo, a realidade é, de certa forma, transcendente (jamais pode ser percebida por completo, mas apenas por visões parciais), sempre aberta, uma tensão de presença e ausência. Ela não é causada pelas coisas sobre nós, nem pelo nosso corpo sobre as coisas, mas é a relação entre as coisas e nós e entre nós e as coisas.

O perspectivismo não tem a pretensão de atingir a verdade em si, já que é um fenomenalismo (conhecemos o lado aparente, a superfície do mundo, não a sua estrutura ou essência oculta). Merleau-Ponty atesta pois o reconhecimento do indeterminado como um fenômeno positivo.

O perspectivismo é pois para o filósofo:

[...] Não sofrido, mas conhecido como tal. Longe de introduzir na percepção um coeficiente de subjetividade, ele lhe dá, ao contrário, a garantia de se comunicar com um mundo mais rico do que aquilo que conhecemos dele, quer dizer, com um mundo real. Os perfis de minha escrivinha não se oferecem ao conhecimento direto como aparências sem valor, mas como “manifestações” da escrivinha (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 289).

Para o perspectivismo a verdade não existe ou não é alcançável, todas as teorias não passam de crenças na verdade. Ser perspectivista implica apenas reconhecer a multiplicidade de perspectivas filosóficas e científicas sobre o mundo mas não conduz à neutralidade ou a valorar por igual todas as teorias nesta matéria.

## CONCLUSÃO

Para o perspectivismo a verdade não existe ou não é alcançável, todas as teorias não passam de crenças na verdade. Ser perspectivista implica apenas reconhecer a multiplicidade de perspectivas filosóficas e científicas sobre o mundo mas não conduz à neutralidade ou a valorar por igual todas as teorias nesta matéria.

## ABSTRACT

This article constitutes a theoretical research and literature. Its main objective is to discuss the character perspectival knowledge according to Maurice Merleau-Ponty. The basic procedure adopted in the preparation of the study was analysis of some original texts of the philosopher, among them *The Structure of Behavior* and *Phenomenology of Perception*, and as some commentators. Originally formulated by Leibniz and reaffirmed in its *Monadology* Nietzsche by Kant and the perspectivism is the philosophical view that all knowledge has its origin in the changeable and subjective perception of something, despite changes in perspective, only exists in a reality. It is therefore the same perception of reality under different optical. Thus, the philosopher is to distance of the thesis that knowledge is acquired, but to claim that knowledge is constructed by the perception that the subject has the object, identified by subject here philosopher as our bodies, responsible for mediation and perception of all possible experience. This mode, perspectivism is not intended to reach all true, but only the nearside, the world's surface. E this is the main finding that this study seeks to achieve.

Keywords: Knowledge. Perspectivism. Body.

## REFERÊNCIAS

CAMINHA, Iraquitã De Oliveira. *O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty*. João Pessoa: UFPB, 2010.

HEURICH, Guilherme Orlandini. Corpo, conhecimento e perspectiva: a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e o perspectivismo ameríndio. In.: *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 102-115, jul./dez. 2007.

LIMA, Antonio Balbino Marçal. *O lugar do perspectivismo na fenomenologia de Merleau-Ponty*. 2007. 105 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

LEIBNIZ, G. *Monadologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

MATTHEWS, Eric. *Compreender Merleau-Ponty*. Tradução Marcus Penchel. – Petrópolis: Vozes, 2010. (Série Compreender).

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A estrutura do comportamento*. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PECORARO, Rossano. *Os filósofos clássicos da filosofia: de Ortega y Gasset a Vattimo*. Petrópolis: Vozes, 2009, vol. III.